



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Camino, Cleonice; Camino, Leoncio; Moraes, Raquel  
Moralidade e socialização: estudos empíricos sobre práticas maternas de controle social e o  
julgamento moral  
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 16, núm. 1, 2003, pp. 41-61  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18816106>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## **Moralidade e Socialização: Estudos Empíricos sobre Práticas de Controle Social e o Julgamento Moral**

*Cleonice Camino<sup>1</sup>*

*Universidade Federal de Pernambuco*

*Leoncio Camino*

*Universidade Federal da Paraíba*

*Raquel Moraes*

*Universidade Estadual da Paraíba*

---

### **Resumo**

Este estudo teve 3 objetivos. O primeiro foi investigar as práticas de controle social utilizadas pelos pais em relação aos comportamentos indesejados de seus filhos. O segundo foi verificar a relação entre as práticas maternas de controle social e o julgamento moral dos filhos. Por fim, o terceiro foi validar o questionário de práticas maternas de controle social. Para tanto, foram realizadas 3 pesquisas: duas de campo – em que foram avaliadas as técnicas de controle social utilizadas pelas mães e a sua relação com o julgamento moral dos filhos – e uma de campo e laboratório para avaliar a validade do questionário. Participaram do primeiro estudo 110 díades de mães-filhos; do segundo, 222 mães, das quais 22 foram observadas com seus filhos em situação de laboratório. A idade das crianças variou de 5 a 11 anos. As mães responderam a um questionário sobre técnicas de controle e as crianças a dilemas morais. As respostas das mães indicaram a existência de dois fatores, que foram considerados como controle interno e externo. O controle interno associou-se a um nível mais elevado de desenvolvimento moral do que o controle externo. Os comportamentos observados no laboratório foram consistentes com suas respostas aos questionários.

*Palavras-chave:* Práticas maternas de controle social; julgamento moral; validação de instrumento.

### **Morality and Socialization: Empirical Studies on Maternal Practices of Social Control and the Moral Judgment**

### **Abstract**

This study had 3 goals. The first aim was to explore maternal practices of social control used by mothers in relation to the behavior of their children. The second goal was to investigate the relationship between maternal practices of social control and children's moral judgement. The last goal was to validate mothers' answers on maternal practices of social control. To attain these goals, field and laboratory studies were conducted: two field studies evaluated the prevalence of social control techniques used by mothers and the relationship of these techniques with the moral judgement of their children. In the laboratory studies the questionnaire answered by mothers was validated. The first study had 110 mother-child dyads, the second study had 222 mother-child dyads. The third study had 72 mother-child dyads, 22 of which were observed during a laboratory situation. The children's age varied from 5 to 11 years old. The mothers answered a questionnaire about control techniques and the children answered moral dilemmas. Mothers' responses indicated the presence of two factors considered as inner and external controls. The inner control was associated to a higher level of moral development than the external. Mothers' behavior in the laboratory showed consistency with their answers to the questionnaires.

*Keywords:* Maternal practices of social control; moral judgement; questionnaire validity.

---

exemplos que demonstram essa ausência de valores morais e sociais de que padece a sociedade brasileira.

Embora a moral forme “uma estrutura de princípios, idéias e preceitos muito complexa, e incorpora todos os elementos de pensamento, comportamento e sentimento” (Rawls, 1971/1981, p. 340), ela pode ser interpretada como “um conjunto de normas aceitas, livre e conscientemente, que regulam o comportamento individual e social dos homens” (Vasquez, 1969/1983, p. 49). Entendendo a moral nesses termos, acredita-se que a crise moral que atinge a sociedade brasileira pode ser vista como fazendo parte de uma crise moral mais ampla que pode ser debitada, em grande parte, às formas que o capitalismo toma atualmente, o qual, segundo Apel (1992), gerou progressos técnicos e científicos sem ter gerado uma ética compatível com esses progressos, uma ética baseada na cooperação, tendo como tônica a responsabilidade solidária. Ao contrário, segundo Habermas (1973/1978), o capitalismo neo-liberal propicia a manutenção de uma ética voltada para os valores especificamente burgueses do individualismo possessivo e do utilitarismo benthamiano. Além disso, para Habermas, o capitalismo neo-liberal provoca uma crise de motivação que se revela através de: atitudes individualistas e opiniões despolitizadas na vida pública; adesão a valores dirigidos ao lazer e ao consumo na vida familiar; e adoção de valores compatíveis com a concorrência pelo status social na vida profissional. É neste sentido que Camino, Da Silva, Machado e Pereira (2001) afirmam que a mentalidade pós-moderna inclui tanto aspirações universais e globalizantes como aspirações setoriais (nacionalistas) que o espírito de concorrência e a meritocracia capitalista inculcam. Por isso, na mentalidade pós-moderna, coabitam aspirações moralistas de fraternidade e de igualdade e preocupações realistas de justiça concreta, num mundo visto, essencialmente, como competitivo.

Relacionados ao sistema capitalista, outros fatores – históricos, culturais, sociais e políticos – também têm contribuído para a profunda crise moral brasileira. Mas

definições de socialização no campo colocará em evidência a concepção funcionalista nesta perspectiva.

Esperando pela criança, existe uma sociedade de cultura. A criança é colocada no meio de um modo de viver, possuindo certas possibilidades de informação e desenvolvendo motivos que a forma organizada de viver possa influenciar (Piaget, 193)

A socialização refere-se à adoção e internalização de valores, crenças e maneiras de perceber o mundo compartilhadas pelo grupo. Quando a internalização do indivíduo termina por desejar comportamentos que os outros desejam e esperam que o faça, ele torna-se responsável do grupo. (Jones & Gerard, 1963)

A socialização é o processo pelo qual o comportamento de uma pessoa é modificado a fim de se conformar com o dos membros do grupo ao qual ela pertence (Backman, 1964, p. 462)

Essas definições de socialização, na perspectiva adotada nos Estados Unidos, refletem um forte determinismo social, onde, portanto, a socialização é concebido como algo externo, estático, no sentido abstrato e, por outro lado, o sujeito, em sua individualidade, é visto como um elemento passivo dos elementos sociais a ele submetido (Camino, 1996).

Já na Europa, Piaget (1975), em oposição ao funcionalismo darwinista subjacente a psicólogos americanos, acentua os aspectos dinâmicos do conhecimento do sujeito. Ele afirma que o conhecimento se desenvolve de uma construção ativa do organismo, que se adapta ao meio ambiente, construção composta por estruturas – ou estágios – simples que evoluem gradualmente, para estruturas complexas e abstratas, em busca de um melhor equilíbrio. Segundo Piaget, a forma adaptativa e dialética da

família, a escola e os meios de comunicação. Mas cabe também a Piaget (1932), ao analisar o desenvolvimento moral, colocar em relevo a importância dos pares no processo de socialização. Na realidade, para Piaget, a relação de obediência da criança com o adulto favorece o desenvolvimento de uma moral heterônoma. É somente através da cooperação entre pares que a criança torna-se capaz de uma moral autônoma. Isto porque, por mais que o adulto procure compreender o ponto de vista da criança e procure estabelecer uma comunicação de igual para igual, as relações entre eles permanecem hierarquizadas, propiciando apenas o respeito unilateral da criança para com o adulto. As relações entre crianças, ao contrário, propiciam a descentração – cada um torna-se capaz de se colocar no lugar do outro – e, juntamente com a descentração, surgem o sentimento de reciprocidade e o respeito mútuo, elementos indispensáveis para uma moral autônoma.

Embora, classicamente, o grupo tenha sido o objetivo visado no processo de socialização, estudos recentes mostram o papel relevante que o próprio grupo desempenha como agente de socialização (Tajfel, 1981). Para entender isso, deve-se ter em conta que as interações entre os níveis psicológico e sociológico são processos de “mão dupla”. Numa direção, os processos subjetivos são influenciados pelas formas concretas que uma formação social adota; enquanto que, na direção oposta, as formações sociais são construídas, dinamicamente, pelo conjunto de representações e ações dos indivíduos que as constituem.

Assim, no processo de socialização, crianças e adolescentes começariam a reconhecer seus interesses a partir de sua inserção ativa nos diversos grupos da sociedade. Esse aspecto da socialização se apoiaria, principalmente, nos processos de constituição da identidade social. De fato, os grupos construiriam suas identidades nas relações inter-grupais e os sujeitos se “socializariam” neste processo (Camino, 1996).

Na realidade, é na interação com os outros grupos que um grupo constrói, conjuntamente com os sujeitos que a ele pertencem, os valores e normas que formam a identidade

são consequências dessas relações que deve ser analisada a influência na socialização da moralidade.

Em um estudo sobre valores de comunicação, Camino e Camino, seguindo a tipologia de Kohlberg, analisaram novelas da Rede Globo e observaram que os valores transmitidos com maior frequência eram moral heterônoma ou constituídos por medo, domínio e o poder sobre os outros, como a corrupção, chantagens, a justiça expiatória, o oportunismo (usar o outro para benefício próprio), a desonestidade e a não responsabilidade dos seus próprios atos.

Já Camino e colaboradores (1996) analisaram os personagens identificados como bons e maus em novelas pouco simpáticas transmitidas por canais de moral heterônoma, porém os muito simpáticos transmitidos por canais de moral autônoma. Observaram que frequentemente esses valores, em geral, referem-se a valores referentes ao bem-estar pessoal e não ao bem-estar de um outro. Em outro estudo, Camino, Camino e Camino (1996), estudando adolescentes que se situam na tipologia kohlbergiana, observaram que quanto maior o nível de empatia para com os outros, menos atraídos por personagens de moral heterônoma transmitidos por canais de moral heterônoma. De adesão aos valores morais, os sujeitos significativamente mais elevados em empatia foram da telenovela do que em relação à moral autônoma. Assim, esse estudo sugere que telespectadores por personagens de moral heterônoma diminuíam sua capacidade crítica.

As formas como se socializam são múltiplas e bastante complexas. Portanto, é necessário não só analisar o processo de socialização no desenvolvimento moral, mas também como recolocar estas influências econômicas e políticas nos processos de socialização.

comportamentos dos filhos é uma constante que transcende a diversidade das normas culturais (Darling & Steinberg, 1993).

Além disso, deve-se também ter em conta que a conduta dos pais não é só determinada pelo contexto sócio-cultural em que ocorre, mas que ela também é afetada pelo comportamento dos próprios filhos. Esta influência tem sido observada já no aleitamento, quando mãe e criança estabelecem, em intercâmbio mútuo, o ritmo de alimentação (Kaye, 1982). No que concerne especificamente às técnicas de controle, Schaffer (1984) tem observado que o padrão de interação vocal e de gestos entre a mãe e o bebê servirá posteriormente de base para o ritmo do diálogo nas futuras ocasiões de controle. Por sua vez, Chapman (1979) tem mostrado como disposições concretas das crianças delimitam a intervenção parental. Assim, este autor constata que, em situações em que os filhos estão muito desatentos, ordens dadas por suas mães de forma simples e clara são mais eficazes do que o diálogo para conseguir que eles se comportem corretamente.

Mas, uma determinada situação, em um contexto específico, não permite caracterizar a relação entre pais e filhos. É necessário que se estabeleçam certas relações constantes entre as formas como os pais atuam em relação ao comportamento dos filhos e as diferentes situações do cotidiano, para caracterizar um estilo de atuação chamado de *estilo de socialização*. De acordo com Musitu e García (2001, p. 9), “os estilos de socialização parental se definem pela persistência de certos padrões de atuação e pelas conseqüências que esses padrões têm para a própria relação pais-filhos”.

De fato, os estilos de socialização seriam caracterizados por um conjunto de técnicas e formas de atuação que abrangem desde atitudes de aceitação até atitudes de controle dos comportamentos indesejados e imposição de limites aos filhos. Essas últimas se constituem no que a literatura denomina de *controle parental*. Neste campo de estudo, destaca-se, como uma das contribuições mais importantes, os

pelo emprego de coerção externa, ou de impedir ou punir uma falta cometida. Com esta técnica, esses autores citam todas as formas de controle real, salvo a retirada de afeto.

Analisando as técnicas enquanto processo, Hoffman (1963a, 1975, 1983, 1994) diz que a socialização depende de dois componentes: de pressão e conteúdo. O grau de pressão refere-se à capacidade que ela tem de provocar um determinado comportamento – ansiedade – devido ao bloqueio de um comportamento não motivado. O conteúdo é o aspecto qualitativo da técnica, a informação que a técnica pode fornecer sobre a situação. Refere-se ao grau, a afirmação de poder por parte dos pais, a mais elevada de ansiedade na criança, a mais baixa de um nível médio e a indução um nível baixo de ansiedade. No que se refere ao conteúdo, a afirmação de poder por parte dos pais – imposição, ameaça, chantagem – e a rejeição de expressões de raiva e distanciamento – a afirmação de se relacionar com as pessoas que não se relacionam com os conteúdos para o aparecimento de uma determinada estrutura de controle, enquanto que a indução, ao mostrar as conseqüências das ações para os outros, ao mostrar o aparecimento de uma estrutura de controle.

Tentando aprofundar os mecanismos de controle, as diversas técnicas, Aronfreed (1968) distingue duas técnicas: uma orientada para o amor e outra para a punição. As técnicas de estímulo aversivos. Constam da primeira categoria *prototípicas*, como a retirada de afeto e a expressão de raiva. A segunda categoria *prototípica* a punição física, como também agressões verbais e injúrias. Essas técnicas podem ser vistas como envolvendo, respectivamente, dois padrões de aprendizagem: a indução e a sequestro. Os padrões, por sua vez, podem ser vistos como responsáveis pela orientação interna ou externa. A indução, no controle do seu comportamento, não depende de contingências externas, produziria na criança mais do que a sequestro, depende de contingências externas –, gu-

contexto sócio-cultural em que essas técnicas são utilizadas, bem como da conjugação delas com exigências parentais (confrontação, disciplina constante e contingente, orientação) e das técnicas afetivas (uso da empatia, reciprocidade e comunicação clara e centrada na pessoa). Tendo como base uma distribuição de crianças em três grupos, classificados a partir das características sócio-emocionais dessas crianças, Baumrind (1968, 1971) identificou, inicialmente, três estilos educativos usados pelos pais dessas crianças:

- Pais diretivos – controladores e exigentes, mas também calorosos, empáticos, comunicativos e compreensivos com os seus filhos, que usam tanto a indução como a punição;
- Pais autoritários – distantes, pouco empáticos, controladores e, sobretudo, punitivos com os seus filhos;
- Pais permissivos – não controladores, não exigentes, relativamente calorosos, e empáticos, que se comportam de forma não punitiva.

Baumrind (1971) verificou, em uma pesquisa realizada com 146 crianças e suas famílias, que, nas meninas, o controle utilizado pelos pais diretivos associava-se positivamente com todos os índices de responsabilidade social. Já o controle parental autoritário associava-se negativamente aos índices de responsabilidade social. Quanto ao controle permissivo, quando associado a um certo grau de rejeição paterna, parecia facilitar tanto a expressão de forças autônomas de natureza construtiva como de natureza socialmente destrutiva.

Posteriormente, Baumrind (1991, 1996) acrescentou ao modelo anterior *os pais não engajados* – aqueles que não são exigentes, não são empáticos e não demonstram interesse pelos seus filhos.

Partindo dos pressupostos teóricos já apresentados, pode-se indagar: como as diversas técnicas ou os diversos estilos de socialização parental influenciam o desenvolvimento da moralidade? Para Hoffman (1983, 1994) e Aronfreed (1968), a indução favorecerá uma moral autônoma, enquanto a afirmação de poder e a retirada de afeto favoreceriam uma moral heterônoma. Já para Piaget

observados nos Estados Unidos. Para responder a esta pergunta, decidiu-se elaborar um estudo sobre o tema, focalizando a família e a socialização. No presente trabalho, inicialmente, um estudo exploratório foi realizado para instrumentos e levantaram-se os dados das relações existentes, na Paraíba, entre o controle parental e o desenvolvimento do julgamento moral. Neste momento, será apresentado um estudo que procurou confirmar os resultados do primeiro estudo. Finalmente, mostrar-se-á como validar experimentalmente o controle parental em nos estudos anteriores e observar a influência das técnicas de controle e julgamento.

### **1º Estudo, de Caráter Exploratório, sobre a Relação entre o Controle Materno e o Julgamento Moral**

Em seus estudos, Hoffman (1983, 1994) verificou a existência de três técnicas de controle parental: real, a ameaça de retirada de afeto e a punição. No Nordeste, essa classificação parental não contempla formas de controle que não contemplem formas de controle que não contemplem o meio social. Uma primeira conclusão foi que as mães no Nordeste, como na maioria das regiões, como forma de controlar o comportamento de seus filhos, fazem a promessa de uma gratificação ou a ameaça de uma punição. Observa-se, tanto no Nordeste quanto no Sul, a predominância rural, ameaças de punição e a ameaça de um mundo mítico ou sobrenatural, como “o bicho-papão vai te pegar”. Com base nesse estudo à realidade nordestina, foi realizado o primeiro trabalho exploratório, com o objetivo de verificar se o positivo como a ameaça de punição.

Mas a inclusão dessas duas técnicas de controle nos questionamentos teóricos. A

julgamentos de ordem moral. Já a inclusão de uma técnica de ameaça com conteúdos referentes ao sobrenatural permite investigar a hipótese de Piaget (1964) de que o animismo mítico e imanente, característico do pensamento infantil, pode ser reforçado pela educação do adulto.

Em relação a esse primeiro estudo, foram levantadas as seguintes hipóteses:

- 1) O controle pela explicação das conseqüências naturais negativas dos atos estará relacionado a um melhor desenvolvimento do julgamento moral;
- 2) As técnicas não explicativas que demonstram o uso do poder por parte do adulto, como a promessa de recompensa, a ameaça de punição real pelos agentes de socialização e a ameaça de punição por entidades sobrenaturais (Deus ou Diabo, ou outros seres mitológicos do folclore do Nordeste do Brasil) – técnica sobrenatural –, estarão relacionadas com um desenvolvimento mais pobre do julgamento moral infantil.

### Método

Decidiu-se verificar, numa situação natural, a relação existente entre a forma como a mãe diz controlar o comportamento da criança e o nível de desenvolvimento do julgamento moral desta. Para isso, foram convidadas as mães de crianças que cursavam o primário em uma escola da rede pública de João Pessoa, para responder a um questionário sobre as técnicas que utilizavam para controlar o comportamento dos filhos.

### Participantes

Foram entrevistadas 110 crianças e suas respectivas mães. As crianças encontravam-se distribuídas em cinco grupos de idade: 7 anos (9 meninos e 10 meninas), 8 anos (11 meninos e 11 meninas), 9 anos (10 meninos e 10 meninas), 10 anos (15 meninos e 13 meninas) e 11 anos (11 meninos e 10 meninas). As mães, que aceitaram voluntariamente o convite

(promessa de recompensa, explicação, ameaça de punição real e ameaça de punição sobrenatural), queriam controlar o comportamento de seu filho em situações: comer, ir dormir, fazer os deveres de casa, brigar fisicamente, agredir verbalmente, falar palavrões, pegar escondido coisas alheias, tocar objetos perigosos, fazer jogos sexuais, solicitar autorização e brincar com objetos de valor. Aparecia associada a estes 13 comportamentos a técnica, as mães deveriam indicar, em uma escala de 5 (5 correspondendo a Sempre e 1 a Nunca), com que utilizavam a técnica em controlar os comportamentos. O instrumento tinha 5

### Procedimento

As mães foram entrevistadas em domicílios e responderam ao questionário sobre técnicas de controle em vários grupos de, no máximo, 25 mães, sob a supervisão de vários pesquisadores. A leitura de cada item foi feita em voz alta. Em seguida, os pesquisadores anotaram como cada mãe havia marcado a resposta. Como de uma pesquisa exploratória, perguntamos às mães, no final da entrevista, sobre o grau de pertinência do questionário utilizado. As mães foram entrevistadas individualmente em qualquer ordem de apresentação das histórias fictícias.

### Resultados

Analisar-se-ão, inicialmente, as técnicas de controle maternas de controle do comportamento das crianças. Se essas técnicas se agrupam em torno dos tipos previstos por Hoffman. Num segundo momento, serão analisadas as relações existentes entre as técnicas pelas mães e o julgamento moral das crianças.

### Técnicas de Controle: Seus Eixos de Análise

Foi efetuada sobre os escores dos 52 itens

Tabela 1

*Índices de Saturação dos dois Fatores Obtidos pela Análise dos Componentes Principais dos Escores do Instrum*

Técnicas	Comportamentos	Fator I
Recompensa	Comer	0,70
	Ir dormir	0,55
	Fazer os deveres da escola	0,69
	Lavar-se	0,69
	Brigar fisicamente	0,74
	Agredir verbalmente	0,73
	Mentir	0,66
	Dizer palavrões	0,68
	Pegar escondido coisas alheias	0,46
	Brincar com objetos perigosos	0,74
	Fazer jogos sexuais	0,70
	Sair para rua sem autorização	0,73
	Brincar com objetos de valor	0,57
Explicação	Comer	
	Ir dormir	
	Fazer os deveres da escola	
	Lavar-se	
	Brigar fisicamente	
	Agredir verbalmente	
	Mentir	
	Dizer palavrões	
	Pegar escondido coisas alheias	
	Brincar com objetos perigosos	
	Fazer jogos sexuais	
	Sair para rua sem autorização	
	Brincar com objetos de valor	
Punição real	Comer	0,68
	Ir dormir	0,74
	Fazer os deveres da escola	0,73
	Lavar-se	0,66
	Brigar fisicamente	0,56
	Agredir verbalmente	0,80
	Mentir	0,55
	Dizer palavrões	0,69
	Pegar escondido coisas alheias	0,68
	Brincar com objetos perigosos	0,68
	Brincadeiras Sexuais	0,68
	Sair para rua sem autorização	0,56
	Brincar com objetos de valor	0,64
	Comer	0,75
	Ir dormir	0,76



Com efeito, as três técnicas de controle – ameaça de punição real, punição sobrenatural e promessa de recompensa – formam uma única atitude, onde o controle é posto sobre as consequências negativas ou positivas que não estão diretamente ligadas à ação controlada. O que caracteriza o primeiro fator é, precisamente, o acento sobre as consequências não intrínsecas à ação, mas externas a ela. Por esta razão, o fator foi denominado de Controle Externo. O segundo fator, ao contrário, traduz uma atitude em que o controle baseia-se na ênfase que é dada às consequências intrínsecas da ação e, por isso, foi denominado de Controle Interno. Análises internas mostraram que nem a idade nem o gênero das crianças afetaram significativamente a frequência com que as mães utilizaram as duas técnicas de controle.

### Técnicas de Controle e Desenvolvimento Moral

Com respeito à relação existente entre técnicas de controle e desenvolvimento moral, uma maneira de abordar a questão seria correlacionar os escores obtidos pelas crianças nos testes de moralidade com os escores dados pelas mães às duas técnicas principais. Mas isto pressuporia a existência de uma relação linear entre os dois tipos de controle e o julgamento moral, suposição esta que se mostrou inadequada, após uma primeira análise descritiva dos dados.

ao julgamento moral, foram considerados os escores para as histórias que versavam sobre agressão e os escores das que versavam sobre roubo.

A Análise de Variância dos escores de julgamento moral (Tabela 2) mostra um efeito significativo do controle externo ( $F(2,87)=4,175$ ;  $p<0,025$ ) e uma interação significativa entre os dois controles ( $F(4,87)=7,288$ ;  $p<0,001$ ). A variável tipo de ação também interagiu com o controle interno ( $F(2,87)=5,076$ ;  $p<0,01$ ) e com o controle externo ( $F(4,87)=7,288$ ;  $p<0,001$ ).

Constata-se que os escores do julgamento moral das crianças submetidas a um baixo nível de controle externo ( $m=7,2$ ) são significativamente superiores aos das crianças submetidas aos níveis médio ( $m=6,0$ ) e alto ( $m=5,9$ ) de controle externo. Observa-se, também, uma interação significativa, que o efeito do controle interno em função do controle externo. Assim, os escores de julgamento moral encontram-se nas crianças submetidas a um alto controle interno e a um baixo controle externo ( $m=7,9$  no caso do roubo e  $m=7,5$  no caso da agressão) que será denominado aqui de estilo indutivo. Os escores mais baixos encontram-se nas crianças submetidas, simultaneamente, a um alto controle interno e externo ( $m=5,3$  no caso do roubo e  $m=5,5$  no caso da agressão).

Tabela 2

*Médias dos Escores Obtidos no Teste de Julgamento Moral em Função dos Tipos de Histórias e dos Tipos de Controle Externo e Interno*

Tipo de História	Controle interno	Controle externo		
		Baixo	Médio	Alto
Agressão	Baixo	7,1 abc	6,0 defg	6,9 bcd
	Médio	6,8 bcd	6,0 defg	6,7 bcd
	Alto	7,5 ab	6,7 bcde	5,9 efg
Roubo	Baixo	7,4 ab	5,6 fg	5,5 fg
	Médio	6,3 cdef	7,3 ab	7,3 ab
	Alto	7,9 abc	6,2 bcde	5,3

Já as crianças submetidas a baixos níveis de controle externo e interno – que será denominado aqui de controle liberal e que corresponderia, parcialmente, ao estilo permissivo da tipologia de Baumrind – apresentam escores semelhantes aos das crianças submetidas a um alto controle interno e baixo controle externo.

Adotando-se essa nomenclatura e fazendo-se uma comparação entre os resultados aqui encontrados e os

A este propósito, é pertinente a hipótese mais marcante da indução apresentada: as histórias sobre o roubo. De fato, as crianças apresentam situações menos marcantes do que as histórias sobre agitação, julgamento mais racional da situação do que as crianças forçadas a participar da história, aprenderam, seja diretamente da história, partir das experiências com os pais, atitudes liberais dos pais. Mais uma vez, esses resultados sejam devido a influência das histórias sobre o roubo.

Mas um segundo aspecto, este mais teórico, sugeria não só repetir o primeiro estudo, como também aprofundá-lo. De fato, os resultados do primeiro estudo levantaram a possibilidade da compreensão ter influenciado no julgamento das histórias de agressão e roubo. Assim, tornou-se necessário controlar essa variável no segundo estudo. Decidiu-se, portanto, não só facilitar a compreensão das histórias utilizando ilustrações de fácil visualização para crianças, mas também controlar o grau de dificuldade das histórias, variando sistematicamente o grau das conseqüências e o tipo de intenções.

Um outro aspecto teórico concernente às técnicas de controle materno indicava também a necessidade de reformular o método empregado na primeira pesquisa. Para que os dois fatores obtidos no primeiro estudo, controles externo e interno, pudessem ser interpretados na perspectiva de Aronfreed (1976), desejou-se verificar se a técnica da “retirada de afeto” – não analisada no primeiro estudo – integrar-se-ia ao eixo das técnicas de controle externo, como sugerido por este autor, quando a caracteriza como desaprovação ou ameaça de rejeição. Ao aumentar o número de técnicas, decidiu-se eliminar algumas atividades que, segundo as mães, não constituíam objeto de controle freqüente.

Em relação ao segundo estudo, foram levantadas as seguintes hipóteses:

- 1) No que concerne às diversas técnicas maternas de controle, espera-se que elas se agrupem nos dois fatores obtidos na primeira pesquisa: o controle externo e o interno, fatores interpretados como correspondendo a dois modelos de relação de contingência entre as ações e suas conseqüências, modelos que são transmitidos pelos pais aos filhos ou que são experimentados pelas crianças a partir de uma certa autonomia dada pelos pais;
- 2) Espera-se, também, que o controle externo tenha um efeito negativo sobre o desenvolvimento moral das crianças, enquanto que o controle interno tenha um efeito positivo;

desenvolvimento do julgamento moral e a compreensão em que se desejava uma amostra maior de crianças da escola de maior porte da rede pública. Assim, foram convidadas a participar do estudo as mães das crianças que cursavam as séries correspondentes.

### Participantes

Neste segundo estudo, foram observadas 120 mães e suas respectivas mães. Como no primeiro estudo, as mães tinham, em sua maioria, o primário incompleto e eram empregadas domésticas. As crianças tinham idades de 5 anos (18 meninos e 19 meninas), 6 anos (16 meninos e 20 meninas), 7 anos (16 meninos e 19 meninas), 8 anos (18 meninos e 19 meninas), 9 anos (16 meninos e 15 meninas) e 10 anos (19 meninos e 15 meninas). Todas as crianças cursavam as séries correspondentes.

### Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos: o Instrumento de Julgamento Moral e o Instrumento de Controle. Para o primeiro instrumento, foram utilizadas 12 pares de histórias, semelhantes às da primeira pesquisa, nos quais, além dos dois tipos de conteúdos (roubo e agressão), foram manipuladas as intenções, considerando-se três formas de comparação: sem intenção *versus* intenção altruísta *versus* intenção hostil; e sem intenção altruísta e as conseqüências das ações: conseqüências iguais e seis com conseqüências diferentes. A fim de facilitar a compreensão das histórias, estas eram acompanhadas de ilustrações. Em cada história, havia uma cena relativa à intenção ou à ação do protagonista de executar uma ação, uma cena mostrando a reação do protagonista e uma cena mostrando a conseqüência da ação. Cada história era acompanhada de uma pergunta para avaliar o julgamento moral e a compreensão.

Exemplo: História sobre agressão: sem intenção *versus* intenção hostil; conseqüências iguais e seis com conseqüências diferentes.

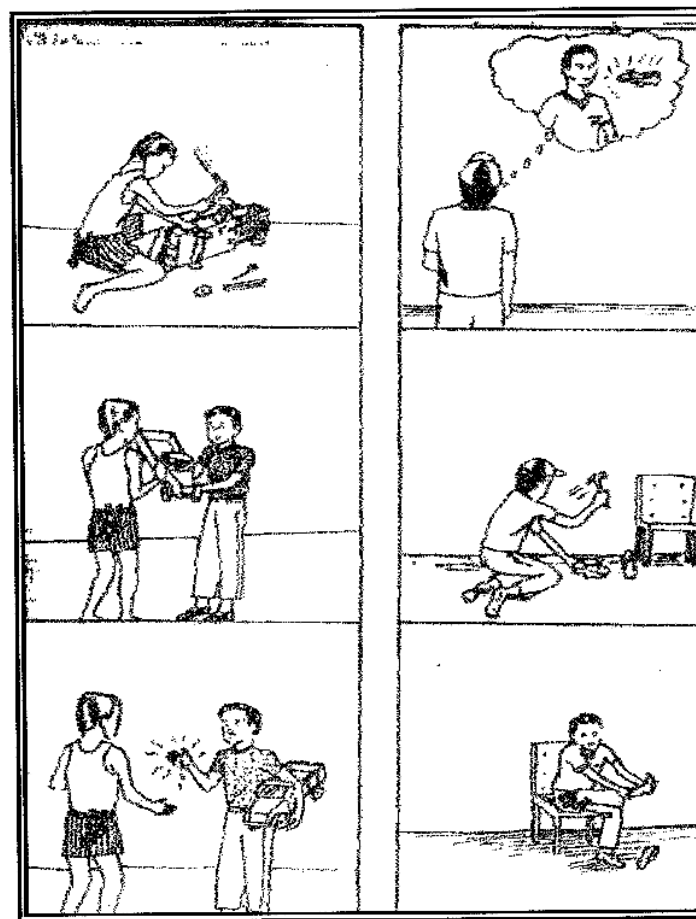


Figura 1. Exemplo das histórias elaboradas para avaliar o índice de julgamento.

Já o Instrumento de Técnicas de Controle era semelhante ao da pesquisa anterior, porém com algumas modificações. No que diz respeito ao número de técnicas, estas passaram de 4 para 5 com a introdução da técnica “retirada de afeto”. Assim, as técnicas estudadas foram: Punição Real, Recompensa, Punição Sobrenatural, Explicação e Retirada de Afeto. Em relação aos comportamentos, foram suprimidos

em lugar de uma. Após a leitura se, nos desenhos, os principais comportamentos da criança. Caso não fosse preciso.

## Resultados

Segundo os resultados

Tabela 3.

*Índices de Saturação dos dois Fatores Principais por cada Item do Instrumento de Técnicas de Controle Materno*

Técnicas	Comportamentos	Fator I	Fator II
Punição real	Fazer os deveres da escola	0,58	
	Agressão física	0,48	
	Pegar as coisas dos outros	0,59	
	Agressão verbal	0,53	
	Se lavar	0,69	
	Brincar com objetos perigosos	0,52	
	Mentir	0,55	
	Jogos sexuais	0,64	
	Ir dormir	0,81	
Recompensa	Fazer os deveres da escola	0,42	
	Agressão física	0,63	
	Pegar as coisas dos outros	0,48	
	Agressão verbal	0,61	
	Se lavar	0,56	
	Brincar com objetos perigosos	0,58	
	Mentir	0,61	
	Jogos sexuais	0,60	
	Ir dormir	0,68	
Punição sobrenatural	Fazer os deveres da escola	0,66	
	Agressão física	0,47	
	Pegar as coisas dos outros	0,32	0,36
	Agressão verbal	0,51	
	Se lavar	0,66	
	Brincar com objetos perigosos	0,66	
	Mentir	0,42	0,40
	Jogos sexuais	0,55	
	Ir dormir	0,77	
Explicação	Fazer os deveres da escola		0,38
	Agressão física		0,40
	Pegar as coisas dos outros		0,68
	Agressão verbal		0,70
	Se lavar		0,43
	Brincar com objetos perigosos		0,68
	Mentir		0,73
	Jogos sexuais	0,49	-
	Ir dormir		-
	Fazer os deveres da escola	0,77	

fatores eram correlacionados (Hartman, 1967). Os resultados, confirmando as hipóteses (Tabela 3), mostram que as 45 questões correspondem a dois fatores principais que explicam em torno de 40% da variância dos dados. O primeiro fator, que explica 31% da variância e possui um coeficiente de fidedignidade  $\alpha$  de Crombach de 0,81, é formado por 36 itens: 9 da escala de punição real, 9 da escala de recompensa, 8 da escala de punição sobrenatural (com exceção do item sobre roubo), os 9 itens da escala de retirada de afeto e, surpreendentemente, 1 item da escala de explicação (jogos sexuais). O segundo fator – considerando índices de saturação acima de 0,40 – foi constituído por 6 itens da escala de explicação (os itens sobre roubo, as agressões verbais e físicas, a higiene, os jogos com objetos perigosos, a mentira).

Foram, portanto, encontrados os dois mesmos tipos de controle subjacentes às diversas técnicas, como se tinha obtido na primeira pesquisa. Constatou-se, também, que a técnica de controle “retirada de afeto” fazia parte do controle externo.

**Tipo de Controle e Julgamento Moral**

Para verificar a influência dos tipos de controle sobre o julgamento, procedeu-se a uma Análise de Variância dos escores de julgamento moral, utilizando os dois tipos de controle como variáveis independentes e as características dos dilemas morais como medidas repetidas. Esta análise mostra uma interação praticamente significativa entre Ação x Contraste x Controle Externo ( $F(9,398)=2,31; p=0,057$ ), como se pode constatar na Tabela 4.

Com efeito, observa-se, nesta tabela, assim como na primeira pesquisa, o efeito negativo do controle externo sobre o desenvolvimento moral das crianças. Por outro lado,

o fato de que a técnica de retirada de afeto, quando o controle externo revela seu efeito negativo sobre o julgamento moral e parece confirmar a suposição de que haveria consequências negativas para o julgamento em função de diferenças na natureza da contingência entre a atividade e o controle parental. Observa-se, também, diferenças significativas em função do tipo de controle que tenha ocorrido como resultado das diferenças metodológicas introduzidas nestas pesquisas.

Já na Tabela 5, constata-se uma diferença significativa para as interações Ação x Controle Externo x Contraste. Embora as médias globais relativas ao julgamento nas condições de controle externo e interno não diferenciem significativamente os tipos de controle, se observarmos significativamente da média global, observamos na direção das hipóteses da primeira pesquisa. Isto é, o controle externo tem um efeito negativo sobre o julgamento moral, e este efeito é significativo quando se compara o julgamento moral por contraste com o julgamento em cada um dos contrastes (Ação x Contraste), que os escores morais encontrados nas crianças submetidas a um alto controle externo e a um baixo controle. Observa-se, principalmente no contraste de intenção – nas duas primeiras comparações, os altos de moralidade encontram-se nas crianças com baixos do controles interno e externo.

Por outro lado, verifica-se, também, que o estilo indutivo facilita o julgamento moral das crianças, o que é observado na Tabela 6.

Tabela 4  
*Médias dos Escores de Julgamento Moral em Função do Tipo de História, Tipo de Contraste e Controle Externo*

Tipo de História	Tipo de Contraste	Controle Externo	
		Alto	Média

controle puramente externo —, salvo no segundo contraste. Porém, diferentemente da primeira pesquisa, observa-se que as crianças submetidas concomitantemente a altos controles externo e interno — estilo restritivo — apresentam resultados semelhantes aos do estilo liberal e mais elevados do que os submetidos ao estilo externo.

o efeito negativo do controle ex desenvolvimento do julgamento moral da de que a técnica de retirada de afeto tan controle externo, controle que continua a negativo sobre o julgamento moral, pa primeira interpretação em termos de dife

Tabela 5  
*Médias dos Escores de Julgamento Moral em Função dos Contrastes de Intenção e dos Fatores de Controle Externo*

Contraste de intenções	Controle interno	Baixo	Médio	Alto
<i>1º Contraste</i> sem intenção X intenção hostil		6,8 <sub>a</sub>	6,1 <sub>ab</sub>	3,7 <sub>a</sub>
	baixo	5,5 <sub>ab</sub>	6,0 <sub>ab</sub>	4,9 <sub>a</sub>
	médio	5,5 <sub>b</sub>	5,9 <sub>ab</sub>	6,2 <sub>a</sub>
	alto			
<i>2º Contraste</i> intenção altruísta X intenção hostil		6,7 <sub>a</sub>	5,8 <sub>ab</sub>	4,2 <sub>a</sub>
	baixo	5,0 <sub>bc</sub>	5,6 <sub>ab</sub>	4,8 <sub>a</sub>
	médio	5,4 <sub>abc</sub>	5,9 <sub>ab</sub>	5,9 <sub>a</sub>
	alto			
<i>3º Contraste</i> sem intenção X intenção altruísta		4,7 <sub>ab</sub>	4,6 <sub>ab</sub>	2,2 <sub>a</sub>
	baixo	4,0 <sub>ab</sub>	3,7 <sub>ab</sub>	3,5 <sub>a</sub>
	médio	4,8 <sub>a</sub>	4,1 <sub>ab</sub>	3,5 <sub>a</sub>
	alto			
Total controle externo		5,4 <sub>A</sub>	5,3 <sub>A</sub>	4,3 <sub>A</sub>

Discussão

Os resultados obtidos não reproduzem a diferença significativa que se tinha encontrado anteriormente entre a condição “liberal” (nível baixo nos dois tipos de controle) e a condição “restritiva” (nível elevado nos dois tipos de controle), apesar de que as diferenças estejam no sentido esperado. Esta ausência de significância deve-se aos resultados relativamente bons das crianças de estilo restritivo. Estas últimas obtiveram melhores resultados do que as

contingência entre a atividade da criança e s que seriam aprendidas nas diferentes fo (Aronfreed, 1968).

3º Estudo, Experimental, Sobre a Validade de Controle e sua Relação com o Des Julgamento Moral

Tendo em vista os resultados das c campo, que demonstraram claramente técnicas de controle investigadas agru

- b) Mães de alto controle interno (ACI) no questionário demonstrarão uma maior frequência de comportamentos de controle interno, em situação experimental, do que as mães de baixo controle interno (BCI) no questionário.
- c) Mães que no questionário se revelam com estilo restritivo de controle (alto externo/alto interno) mostrarão, em situação de laboratório, um maior uso de ambos os controles em termos comportamentais do que as mães que se revelam de estilo liberal (baixo externo, baixo interno) no questionário.

## 2) Sobre a relação entre os tipos de controle materno e o julgamento moral:

- a) Maior uso de controle externo pela mãe resultará em menor julgamento moral da criança.
- b) Maior uso de controle interno pela mãe resultará em maior julgamento moral.
- c) Maior uso de restrição pela mãe resultará em menor julgamento moral da criança.

## Método

### Estudos Pilotos

Antes de proceder ao teste experimental dessas hipóteses, fez-se necessário proceder a dois estudos pilotos, a fim de tornar o mais válido possível o conjunto de processos operacionais próprios da pesquisa experimental.

**a) Estudos prévios para determinar os brinquedos atrativos:** O objetivo central do procedimento experimental consistia em criar uma situação de tentação real para as crianças, onde se pudesse observar diretamente a maneira como as mães realmente<sup>4</sup> controlam o comportamento de seus filhos. Como se supôs que as crianças são mais tentadas a tocar os brinquedos mais atrativos, fez-se necessário estabelecer *a priori* quais os brinquedos de que as crianças, com as características da amostra a ser estudada, mais gostavam e dos que elas menos gostavam.

Para isto, em um primeiro momento, pediu-se às 72 crianças<sup>5</sup> – alunas da primeira série do primeiro grau de

branco, 1 caminhão a pilhas, pequeno vermelho e 1 tanque. grande, 1 liquidificador, 1 boneca de barbante, 1 jogo de

Em um segundo momento, foi feita a observação da preferência por esses brinquedos por 15 meninas e 15 meninos, pertencentes à rede pública da cidade de João Pessoa, com diferentes níveis sócio-econômicos e de escolaridade. A partir das 72 crianças do primeiro estudo, indicaram que o brinquedo mais atrativo foi o trem e, para as meninas, os bonecos foram considerados “proibidos”, devendo a mãe evitar que um brinquedo fosse tocado.

**b) Estudo piloto para a observação:** Fazia-se necessária uma folha de observação que permitisse registrar as mães na situação experimental. A observação foi elaborada a partir do questionário sobre controle materno do primeiro estudo. A viabilidade da observação foi testada com 18 mães de alunos da primeira série do primeiro grau da rede pública de João Pessoa e estavam com as idades de 7 a 9 anos. Os resultados da folha de observação não precisaram ser registrados no tempo de registro estabelecido.

### Estudo Experimental

O objetivo principal da pesquisa foi a observação de uma situação de laboratório declarado pela mãe no questionário sobre o controle exercido por ela na criação da criança. Se criar uma situação experimental que permitisse ao ambiente natural e que permitisse a mãe de evitar os comportamentos proibidos. A



que utilizavam com seus filhos. Posteriormente, as crianças foram contatadas na sala de aulas e convidadas a responder a um conjunto de dilemas morais.

### **Instrumento para as mães sobre Técnicas de Controle Materno**

O questionário sobre técnicas de controle materno utilizado neste estudo constou de 25 itens extraídos do questionário da segunda pesquisa, usando-se, para a seleção dos itens, o índice de saturação dos mesmos em relação aos dois fatores ou controles (externo e interno). Os 25 itens foram colocados de maneira aleatória. Cada pergunta continha cinco alternativas de resposta: sempre, muitas vezes, regularmente, poucas vezes e nunca.

A composição formal do questionário foi a seguinte: 8 itens sobre retirada de afeto, 3 itens sobre ameaça de punição real, 5 itens sobre promessa de recompensa, 4 itens sobre punição sobrenatural e 5 itens sobre explicação.

### **Instrumento de Julgamento Moral**

A entrevista constou de dois pares de dilemas morais com conteúdo agressivo, retirados da segunda pesquisa. Optou-se, nesta pesquisa, pela redução do número de dilemas a fim de não cansar as crianças, pois algumas destas deveriam participar da segunda fase. A escolha dos dilemas com conteúdo agressivo foi motivada pelo fato de, na abordagem construtivista, esse conteúdo ser pouco usado.

**2ª Fase:** Nesta fase, extraíram-se da amostra total 28 crianças, 14 meninos e 14 meninas, cujas mães foram classificadas pelo Instrumento de Técnicas de Controle como de alto ou baixo controle externo e de alto ou baixo controle interno. Foram consideradas como de alto controle as mães cujos escores situavam-se acima do percentil 66,6 e de baixo controle as mães cujos escores situavam-se abaixo do percentil 33,3. As mães assim selecionadas foram solicitadas, através de comunicação escrita, a se apresentar, junto com seus filhos, no centro

proibido”), porque pode quebrar-se, es...  
nosso”. Dadas estas instruções, deixava-s...  
a sós, fechando a porta, dando assim in...  
do comportamento da mãe por duas ob...  
então, anotadas, na folha de observaçã...  
verbalizações, os gestos, atos da mãe p...  
filho tocassem no objeto proibido.

Nesta sala, havia uma escrivaninha, brin...  
e um espelho unilateral. Sobre a escrivan...  
ângulo da sala, foram colocados os brin...  
quais as criança podiam entreter-se. A...  
escrivaninha, havia uma cadeira destina...  
esquerdo havia outra cadeira para a crian...  
foi considerada mais adequada par...  
comportamento da mãe (gestos, expressõe...  
através do espelho unilateral que se encon...  
criança. Os brinquedos “proibidos” – tren...  
e boneca para as meninas –, considerados...  
no estudo prévio, foram colocados a uma...  
criança, para que ela, ao querer pegá-lo, tiv...  
expressamente para ele. Transcorridos ci...  
assistente aparecia, batendo previamente à...  
que já podiam ser atendidos. Nesse mom...  
criança o terceiro par de histórias sobre j...  
justificando, assim, a presença da mãe e da

## **Resultados**

Neste último estudo, verificar-se-á a validade do Instrumento de Técnicas de Controle, comparando-se os escores dados a este instrumento com os comportamentos observados na situação para, num segundo momento, como foi nos primeiros estudos, analisar a relação entre as técnicas empregadas pelas mães e o desenvolvimento moral dos filhos.

### **Validação do Instrumento**

Tabela 6  
*Médias de Intervenções das Mães Utilizando Técnicas de Controle Externo e Interno em Função dos Estilos de Controle Externo e Interno*

Frequências observadas das mães usando técnicas:		Classificação das mães nas escalas de controle:			
de controle externo	Baixo externo (BCE)		Alto externo [ACE]		
	<i>m</i>	<i>n</i> ; <i>dp</i>	<i>m</i>	<i>n</i> ; <i>dp</i>	
	0,11	(09) ; 0,33	1,00	(13) ; 1,15	
de controle interno	Baixo interno (BCI)		[ACI]		
	<i>m</i>	<i>n</i> ; <i>dp</i>	<i>m</i>	<i>n</i> ; <i>dp</i>	
	0,0	(10) ; 0,00	0,17	(12) ; 0,39	

Tabela 7  
*Médias de Intervenções das Mães Utilizando Técnicas de Controle Externo e Interno em Função dos Estilos de Escalas*

Frequências observadas das mães usando técnicas:	Estilos de controle das mães				Teste
	Estilo liberal (n=11)		Restritivo (n=08)		
de controle externo	<i>m</i>	<i>dp</i>	<i>m</i>	<i>dp</i>	-
	0,00	0,00	0,25	0,46	
de controle interno	<i>m</i>	<i>dp</i>	<i>m</i>	<i>dp</i>	-
	0,00	0,00	0,87	1,46	

Tabela 8  
*Escore Médios de Julgamento Moral das Crianças em Função dos Níveis de cada Escala de Controle e dos Estilos de Controle*  
*Ambas*

Classificação das mães nas Escalas de Controle						Analise
Baixo controle externo [BCE]			Alto controle externo [ACE]			Teste
<i>m</i>	<i>N</i>	<i>dp</i>	<i>m</i>	<i>N</i>	<i>dp</i>	T <sub>2</sub>
7,09	12	1,30	6,70	10	2,75	< -1,96
Baixo controle interno [BCI]			Alto controle interno [ACI]			Teste
<i>m</i>	<i>N</i>	<i>dp</i>	<i>m</i>	<i>N</i>	<i>dp</i>	T <sub>2</sub>
6,30	10	1,84	7,41	12	2,06	-1,96
Estilo liberal			Estilo restritivo			Teste

último resultado, a diferença tende a ser significativa. Já as hipóteses concernentes à relação entre estilos de controle e julgamento moral não foram confirmadas, nem vão na direção esperada. Como se pode observar na Tabela 8, o julgamento moral das crianças cujas mães possuem estilo liberal não se diferencia daquele das crianças cujas mães possuem estilo restritivo.

### Discussão

O conjunto de resultados obtidos através da última pesquisa relatada permite considerar os dois aspectos centrais dos três estudos: tipos de controle materno e julgamento moral.

Mães que se auto avaliaram como utilizadoras de alto controle externo no questionário realmente utilizaram, na situação de laboratório, em maior frequência este tipo de controle do que mães de baixo controle externo. Também foi observado, na situação de laboratório, o uso frequente de controle interno declarado pelas mães no questionário. Igualmente, verificou-se que mães categorizadas como de estilo restritivo (alto controle externo e alto controle interno) demonstraram maior uso de alto controle externo e de alto controle interno do que mães de estilo liberal.

Com relação à influência das técnicas de controle materno sobre o julgamento moral da criança, não foram encontrados resultados significativos. A explicação mais adequada para este fato parece ser a seguinte: nas investigações anteriores foram utilizados 12 pares de histórias, enquanto no presente estudo foram aplicados somente três pares de histórias. É possível que estes nove pares possuam maior poder de discriminação e detecção dos fatores envolvidos em cada tipo de controle. Uma outra justificativa poderia ser encontrada no tamanho da amostra. Nos estudos anteriores, participaram mais de 100 crianças, enquanto no presente estudo, o julgamento moral foi avaliado apenas em parte da amostra (28 crianças).

### Conclusões

Desde a primeira pesquisa, tem-se conhecido a existência destes dois fatores principais em função da relação de contingência entre o ato proibido e as consequências da transgressão acarreta. No primeiro fato, a técnica de controle externo de contingência que é utilizada para a criança, tanto positivas quanto negativas, seriam produzidas não pelo ato, em si, da transgressão, mas pela intervenção de um agente exterior (punição física) ou espiritual. Ao contrário, no segundo fato, a técnica de contingência é colocado sobre as consequências negativas da transgressão.

Esta interpretação teórica em função da relação de contingência entre o ato e suas consequências, parece confirmada, na segunda pesquisa, a técnica de retirada de afeto faz clara a existência de controle externo. Em geral, esta técnica é considerada uma técnica indutiva, sob o termo de técnica de contingência (Allinsmith & Greening, 1955; Aronfreed, 1958). É uma técnica intermediária entre as técnicas de controle coercitivas (Hoffman, 1970, 1983).

Mas se pode igualmente pensar que o controle externo é constituído pelo fato de que todas essas técnicas são utilizadas para a criança para si mesma e para as consequências que poderiam lhe acontecer em caso de transgressão. É necessário, porém, lembrar que, nas duas pesquisas, as questões sobre a técnica explicativa foram aplicadas simultaneamente, às consequências negativas da transgressão e para outras pessoas. E em certos casos, como estudar, se lavar, ir dormir, etc., as consequências negativas sugeridas eram próprias da criança.

Por outro lado, é interessante distinguir entre as técnicas explicativas, conforme Hoffman (1970), e as técnicas indutivas orientadas para as consequências dos atos das técnicas racionais que produzem consequências para o próprio sujeito. Se considerarmos estas diferentes formas de indução afetiva, podemos concluir a concepção moral das crianças. As crianças e adolescentes cujos pais utilizam frequentemente

A partir da interpretação teórica que se tem dado a cada um dos dois controles principais (fatores), pode-se melhor compreender através de quais processos se efetuam as suas influências sobre o julgamento moral das crianças. Assim, o controle externo, fazendo repousar as conseqüências tanto negativas como positivas para a criança sobre os agentes sociais, reforça a dependência externa desta, dificultando o processo de socialização (Hoffman, 1970, 1983; Maccoby & Martin, 1983). As noções do bem e do mal ficariam, assim, ligadas ao querer das autoridades. A criança não atingiria uma moralidade heterônoma subjetiva, porque o modelo de contingência externa não conduz a criança à descoberta de sua responsabilidade frente às conseqüências negativas, que derivam de sua própria ação. Esta dependência constitui uma característica essencial da moralidade heterônoma descrita por Piaget (1932).

Um outro aspecto negativo das conseqüências do controle externo para as crianças, quando a punição física é utilizada, diz respeito ao surgimento de comportamentos agressivos na criança e às dificuldades desta de processar adequadamente informações sociais (Weiss, Dodge, Bates & Pettit, 1992). Também sobre o efeito negativo da punição, Crano e Mendoza (1987) verificaram que as mães punitivas dificultam as relações sociais de seus filhos.

Ao contrário, as técnicas explicativas – racionais ou indutivas –, ao dirigir a atenção da criança sobre as conseqüências futuras da sua ação, sobre o meio e sobre si mesma, em domínios que não são apenas de satisfação ou de prazeres imediatos, facilitariam tanto os processos de descentração da criança como a aquisição do sentimento de responsabilidade em relação a seus atos. Neste sentido, considera-se, numa perspectiva diferente da de Piaget, que as relações hierarquizadas não são apenas reforçadoras da moral heterônoma – etapa necessária na primeira infância –, mas que também podem beneficiar a moral autônoma, uma vez que a relação desigual pode orientar a criança para um sistema de comunicação que lhe permita uma melhor aprendizagem de seu meio. É interessante

(1932), para quem a criança se desenvolve de acordo com a medida que seus pais e outros adultos diminuísssem suas influências. Se, portanto, se adotar este ponto de vista, é impossível falar em vez de ser a condição liberal que favorece o desenvolvimento da criança, como se supõe aqui. A criança depende da mãe, pelo fato de não apresentar controle materno. A este respeito, Piaget afirma que alguns aspectos da criança, como a ansiedade, influenciam na escolha das estratégias disciplinares.

Além disso, como indicado anteriormente, diversos mecanismos de socialização atuam no desenvolvimento da moralidade da criança. Num contexto mais completo de desenvolvimento interpessoais, incluem tanto os valores morais como o conjunto de valores que regem a vida em sociedade. Sendo assim, pode-se considerar que, por um ou outro tipo de técnica de controle, estaria ligada ao maior ou menor grau de internalização de determinados valores sociais. Assim, as técnicas de controle interno, que visam à prevenção de conseqüências através da reflexão sobre uma ação, pode-se pensar que favorecem a valorização do desenvolvimento da moralidade. Por outro lado, ao centrar-se nas consequências materiais da desobediência, as técnicas de controle externo podem favorecer o do conformismo e dos valores morais.

É neste sentido que se pode considerar a importância de controle parental na atual realidade da sociedade brasileira. O uso das técnicas de controle externo, observáveis em nossa sociedade, estaria reforçando valores morais que são observáveis utilizando a teoria de valores de Schwartz & Bilsky, 1987, 1990. É interessante notar que filhos de pais indutivos

## Referências

- Allinsmith, W. & Greening, T. C. (1955). Guilt over anger as predicted from parental discipline: A study of superego development. *American Psychologist*, 10, 320.
- Apel, K.-O. (1992). *Estudos de moral moderna*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Aronfreed, J. (1961). The nature, variety and social patterning of internalized response to transgression. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63, 223-240.
- Aronfreed, J. (1968). *Conduct and conscience: The socialization of internalized control over behavior*. New York: Academic Press.
- Aronfreed, J. (1976). Moral development from the standpoint of a general psychological theory. Em T. Lickona (Org.), *Moral development and behavior: Theory, research and social issues* (pp. 54-69). New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Baumrind, D. (1968). Authoritarian vs. authoritative parental control. *Adolescence*, 3, 255-272.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4, 1-103.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11, 56-95.
- Baumrind, D. (1996). The discipline controversy revisited. *Family Relations*, 45, 405-414.
- Brown, R. (1965). *Social Psychology*. New York: Free Press.
- Camino, C., Batista, L., Reis, R., Rique, J., Luna, V. & Cavalcanti, M. G. (1994). A transmissão de valores morais em personagens de TV. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 7, 29-46.
- Camino, C. & Cavalcanti, M. G. (1998). Valores morais transmitidos por telenovelas brasileiras: Vale Tudo, Tíeta, Salvador da Pátria. Em M. L. T. Nunes (Org.), *Moral & TV* (pp. 90-148). Porto Alegre: Evangraf.
- Camino, C., Cavalcanti, M. G. & Rique, J. (1992). Empathy and morality [Resumo]. *Resumos de comunicações científicas, XXV International Congress of Psychology* (p. 226). Bruxelles, Belgique.
- Camino C., Camino, L. & Leyens J.-P. (1996). Julgamento moral, emoção e empatia. Em Z. A. Trindade & C. Camino (Orgs.), *Cognição social e juízo moral* (pp. 109-135). Rio de Janeiro: ANPEPP.
- Camino, L. (1996). A socialização política: Uma análise em termos de participação social. Em L. Camino & P. R. M. Menandro (Orgs.), *A sociedade na perspectiva da psicologia: Questões teóricas e metodológicas* (pp. 14-36). Rio de Janeiro: ANPEPP.
- Camino, L., Da Silva, P., Machado, A. & Pereira, C. (2001). A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica. *Revista Psicologia Política*, 1, 13-36.
- Chapman, M. (1979). Listening to reason: Children's attentiveness and parental discipline. *Merrill-Palmer Quarterly*, 25, 251-263.
- Crano, W. D. & Mendoza, J. L. (1987). Maternal factors that influence children's positive behavior: Demonstration of a structural equation analysis of selected data from the Berkeley Growth study. *Child Development*, 58, 38-48.
- Hoffman, M. L. (1975). Moral internalization, parent-child interaction, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology*, 10, 26-28.
- Hoffman, M. L. (1983). Affective and cognitive internalization: An information processing approach. Em D. Ruffly & W. Hartup (Orgs.), *Social cognition and development: A socio-cultural perspective* (pp. 236-274). New York: Academic Press.
- Hoffman, M. L. (1994). Discipline and internalization. *Developmental Psychology*, 30, 26-28.
- Hoffman, M. L. & Saltzstein, H. (1967). Parent discipline and moral development. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5, 1-10.
- Inglehart, R. (1977). *The silent revolution*. Princeton: Princeton University Press.
- Inglehart, R. (1991). *El cambio cultural en las sociedades modernas*. Madrid: Siglo XXI de España Editores.
- Inglehart, R. (1994). Modernización y pós-modernización: La relación entre el desarrollo económico, cambio cultural y valores. Em J. D. Nicolás & R. Inglehart (Orgs.), *Tendencias y valores sociales y políticos* (pp. 63-107). Madrid: Alianza.
- Jones, E. E. & Gerard, H. B. (1967). *Foundations of social stigma*. New York: Wiley & Sons.
- Kaye, K. (1982). *The mental and social life of babies*. Berkeley: University of California Press.
- Kochanska, G. (1993). Toward a synthesis of parental influences on child temperament in early development. *Development*, 64, 325-347.
- Kohlberg, L. (1976). Moral stages and moralization: A developmental approach. Em T. Lickona (Org.), *Moral development and behavior: Theory, research and social issues* (pp. 31-53). New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Kohlberg, L. (1984). *Essays on moral development: The psychology of moral development* (Vol. 2). New York: Harper & Row.
- Maccoby, E. (1994). The role of parents in the development of children: An historical overview. Em R. D. Parkes & C. Zahn-Waxler (Orgs.), *A century of psychology: The American Psychological Association's 100th anniversary* (pp. 589-615). Washington, DC: American Psychological Association.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the family: Parent-child interaction. Em P. H. Mussen (Org.), *Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development* (pp. 1-61). New York: Wiley.
- Musitu, G. & García, F. (2001). *Escala de socialização moral*. Madrid: TEA.
- Parke, R. D. (1977). Punishment in children: Effects and alternative strategies. Em H. L. Hom Jr. & R. D. Parke (Orgs.), *Psychological processes in early education* (pp. 71-97). New York: Wiley.
- Pereira, C. R., Lima, M. E. & Camino, L. (2001). Atitudes democráticas de estudantes universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 177-190.
- Piaget, J. (1932). *Le jugement moral chez l'enfant*. Paris: Librairie Sirey.
- Piaget, J. (1964). *Six études de Psychologie*. Genève: Gonthier.

Tajfel, H. (1981). *Human groups and social categories*. Cambridge: Cambridge University Press.

Vasquez, S. (1969/1983). *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Walker, L. J. (1999). The family context for moral development. *Journal of Moral Education*, 28, 261-264.

Weiss, B., Dodge, K. A., Bates, J. E. & Pettit, G. S. (1992). Some consequences of early harsh discipline: Child aggression and a maladaptive social information processing style. *Child Development*, 63, 1321-1335.

Zigler, E. & Child I. L. (1969). *Social learning theory*. Ed. by Albert W. Aronson (Orgs.), *The handbook of social learning theory*. Massachusetts: Addison-Wesley.

Sobre os autores

**Cleonice Camino** é Professora da Universidade Federal de Pernambuco.

**Leoncio Camino** é Professor da Universidade Federal da Paraíba.

**Raquel Moraes** é Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. É Professora da Universidade Estadual da Paraíba.

## Grupo de Pesquisa em Interação Social Desenvolvimento e Psicopatologia

### - GIDEP -

O objetivo do GIDEP é produzir conhecimentos para a teoria e prática na área de desenvolvimento e psicopatologia. Em particular, busca-se investigar os fatores socio-emocionais e cognitivos no desenvolvimento normal e atípico dentro do contexto de interação criança, criança-criança, e adolescente-família. O GIDEP está empenhado na qualificação de pesquisadores e profissionais dentro de uma perspectiva interdisciplinar. O GIDEP conta-se em um dos *Grupos de Pesquisa* do CNPq/UFRGS. Sete teses e 39 dissertações foram defendidas ou estão em orientação no Grupo.

#### Participantes e linhas de pesquisa

**Cesar A. Piccinini** (PhD pela University of London): Interação pais-bebê/criança; Apego; temperamento infantil; Estratégias educativas parentais.

**Tânia M. Sperb** (PhD pela University of London): Interação de crianças; Cultura e desenvolvimento; Narrativas, desenvolvimento e psicopatologia.

**Rita Sobreira-Lopes** (PhD pela University of London): O desenvolvimento sócio-emocional no contexto das relações familiares; relações pais-filhos em momentos de transição; Interação e desenvolvimento da autonomia na família.

Participam ainda do grupo um técnico de audiovisual, 07 Doutorandos, 10 Mestrandos e 01 Bolsistas de Iniciação Científica.

**Cleonice A. Bosa** (PhD pela University of London): interação pais-criança e desenvolvimento atípico; impacto dos transtornos do desenvolvimento na família; autismo.

**Infra-estrutura do GIDEP:** O Grupo mantém o *Laboratório de Observação de Processos Interacionais*, equipado com sofisticados equipamentos de gravação, digitalização e edição de imagens e vídeo, o que possibilita análises sistemáticas das observações gravadas.

**Contatos internacionais e convidados pelo Grupo:** Artin Goncu (EUA/1993); A. W. Van der Wilt (Bélgica/1997); Jan Valsiner (EUA/1995); Jonathan Tudge (EUA/desde 1994); Pierre B. (Canadá/1999); R. (Suíça/1997); Stuart Miller (Inglaterra/desde 1994).